



MENSAGEIRO

do Menino Jesus de Praga

QUANTO MAIS ME HONRARDES MAIS EU VOS FAVORECEREI

◊ Nº. 228 ◊

BIMESTRAL: JANEIRO | FEVEREIRO 2021

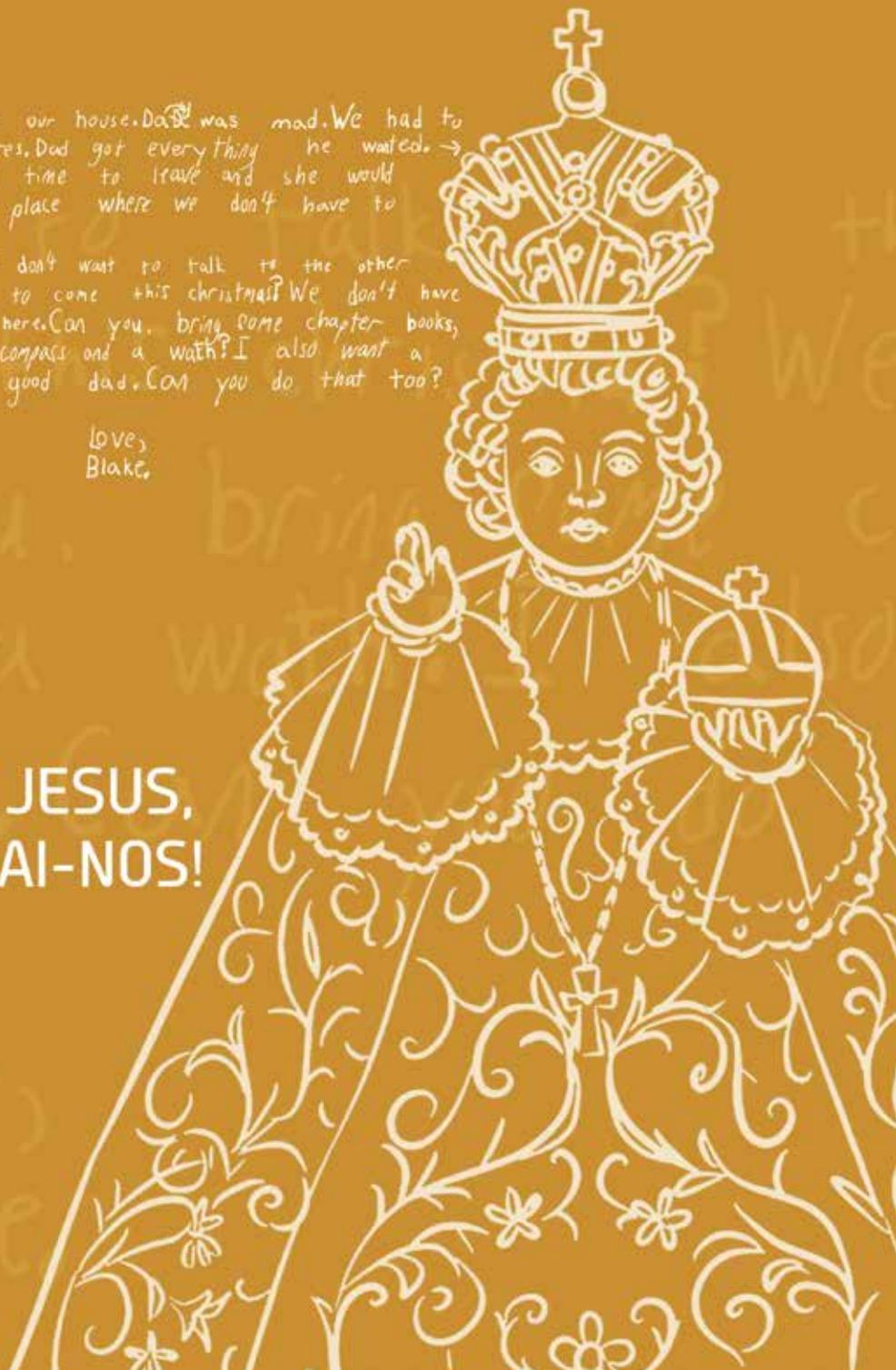
PVP: 1,50€

Dear Santa,
we had to leave our house. Dad was mad. We had to
do all the chores. Dad got everything he wanted. →
Mom said it was time to leave and she would
take us to a safer place where we don't have to
be scared.

I'm still nervous. I don't want to talk to the other
kids. Are you going to come this Christmas? We don't have
any of our stuff here. Can you bring some chapter books,
a dictionary, and a compass and a watch? I also want a
very very very good dad. Can you do that too?

Love,
Blake.

DIVINO
MENINO JESUS,
ABENÇOAI-NOS!





MENSAGEIRO DO MENINO JESUS DE PRAGA
 Boletim bimestral
 Nº 228 | Janeiro/Fevereiro 2021

Proprietário e Editor
 Edições Carmelo
 Convento de Avesadas
 Apartado 141
4634-909 Marco de Canaveses
 NIF: 506 44 1725
 www.carmelo.pt
 editorial@carmelo.pt
 Telf: 255 531 354

Gerente
 João Ricardo Costa Rego

Detentor 100% do Capital
 Ordem Padres Carmelitas
 Descalços

Director
 João Manuel Teixeira da Costa
 santuario@meninojesus.pt

Sede de Redacção
 Santuário do Menino Jesus
 Apartado 141
 4634-909 Marco de Canaveses

Impressão
 Sersililo, Empresa Gráfica Lda
 Travessa Sá e Melo, 209
 4471-909 Maia
 Tiragem: 6.500 exemplares
 ERC: 116229 • ISSN: 2183-8127
 Depósito Legal nº 68784/93



Domingo das Bênçãos	Culto no Santuário
<div style="background-color: red; color: white; padding: 10px; font-weight: bold; font-size: 2em; writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">CANCELADO</div> <p>O domingo das bênçãos continua cancelado até novas orientações.</p>	<p>MISSAS DOMINICAIS 07:30h; 09:00h; 11:30h.</p> <p>MISSA CONVENTUAL Semana 08:00h.</p> <p>CONFISSÕES <i>De terça-feira a sábado:</i> 08:30h > 12:00h. 15:30h > 18:30h.</p> <p>PEREGRINOS Havendo combinação prévia, o Santuário oferece um serviço de acolhimento e celebrações aos grupos de peregrinos. Os peregrinos podem dormir e comer no Santuário.</p>
<p style="text-align: center;">Sumário</p> <p style="text-align: center;">Nº 228 Janeiro / Fevereiro 2021</p> <p>Consegues trazer-me um pai? 3</p> <p>José, o maior dos santos 4</p> <p>Jesus no centro 6</p> <p>Um homem de Igreja 8</p> <p>Levo Deus na minha bicicleta.. 10</p> <p>Sonhar, caminhar, cuidar 12</p> <p>São José 14</p> <p>Não toques com os teus dedos 16</p> <p>Uma história bonita 18</p> <p>Deus provê 20</p> <p>São José, o homem dos verbos. 22</p> <p>Bilhetinhos a S. José (I) 23</p> <p>Como levantar jovens? 24</p> <p>Radiografia da primeira devota 25</p> <p>Notícias do Santuário 26</p> <p>Oração em família 27</p> <p>Passatempo 28</p> <p>Clube do Menino Jesus 29</p> <p>Entrevista 31</p>	<p style="text-align: center;">Assinaturas</p> <p>Portugal: 7,00€ Europa: 19,00€ Resto do Mundo: 20,00€.</p> <p>As assinaturas devem ser pagas à ordem de EDIÇÕES CARMELO por:</p> <ul style="list-style-type: none"> – VALE POSTAL – CHEQUE (em euros €) – TRANSFERÊNCIA BANCÁRIA: <p>IBAN: PT50007900001388059710149 BIC/SWIFT: BPNPPTPL (Enviar o comprovativo do banco)</p> <p>ATENÇÃO ASSINANTES NO ESTRANGEIRO. Em virtude das elevadas taxas a pagar por cheques estrangeiros, pedimos o favor de, preferencialmente, fazer o pagamento por transferência bancária.</p> <p>Serviço de assinaturas Tel.: 255 531 364 assinaturas@carmelo.pt</p>

Consegues trazer-me um pai bom?

A singela notícia tal como a li nos jornais dizia o seguinte: Um menino de oito anos, Blake, de Fort Worth, no Texas, foi maltratado pelo seu pai; ele e a sua mãe foram reiteradamente vítimas de violência familiar. Em finais de novembro de 2020 fugiram ambos, sob promessa da mãe, de que iriam para lugar seguro, onde não haveria medo do pai. Recolhidos num refúgio, o menino ainda tinha medo à hora em que escreveu uma carta ao Pai Natal, e por isso ainda não queria falar com as outras crianças. Isso dizia no início da notícia...

(A carta é provavelmente escrita com apoio de assistentes sociais, mas, a vários títulos eficaz...)

Continuava:

«Querido Pai Natal, tivemos de abandonar a nossa casa. O papá estava louco... Vens este Natal? Aqui não temos nenhuma das nossas coisas. Consegues trazer alguns livros, um dicionário, uma bússola e um relógio? Ah, Pai Natal, eu também quero um pai muito, muito, muito bom. Consegues trazer um também?»

Amo-te!

Blake.»

Confesso que a cartita do menino me enterneceu até às lágrimas. Estou a ficar velho, ou talvez não seja só isso... talvez algo mais.

Na Oração de Vésperas chorei para dentro, que há coisas que se por fora, ninguém as vê. Ora, ali estava um menino como tantos meninos do nosso mundo, e pela certa, como muitos bem perto de nós.

Meninos chamados à vida, e destroçados em flor ainda antes de se poderem valer; meninos valentes, cuja fragilidade se ergue diante de nós, reclamando um pai, um colo protector, um modelo.

Quantos meninos há sem pai? Quantos há, que tendo-o, melhor fora não o ter? Quantos anjos foram já picados pelo Mal, sem outras mãos que os defendam? Quantos há entre nós, cujas mãos são ainda incapazes de se erguer para se defenderem? Quantos? Quantos, meu Deus?...

Que dirão a esses meninos os seus Anjos da Guarda? E quem recolherá as lágrimas sagradas desses meninos e meninas, de tantas mulheres violentadas, de tantos homens sovados? Quem possui pano de linho alvo, que mereça recolher lágrimas tão imerecidas? Quem, meu Deus Menino? Em que singelo altar, senão o teu, haveremos de depor oração tão crua e tão pura?

No dia 8 de Dezembro de 2020, Solenidade da Imaculada, o Papa Francisco abriu o Ano de São José, pai de Jesus, que ama a Igreja com coração de pai.

Sim, temos pai, temos pai!

Digámo-lo, certos: temos pai!

O pai que em José amou Jesus, ama-nos a nós, a todos os meninos e meninas sem pai.

Hoje, não sei porquê, vou encostar a cabeça no peito de São José.

NOTA: Gratidão a todos os colaboradores e colaboradoras, em especial ao Guilherme Fernandes, autor da capa. Bem-hajam.

José, o maior dos santos

Rui Belo, um dos bons poetas portugueses do século XX, escreveu um belo poema, de ressonâncias bíblicas, intitulado «*O Homem dos Sonhos*». Nesse poema, o homem dos sonhos é o poeta, mas Rui Belo foi buscar a comparação ao José do Antigo Testamento, aquele que soube interpretar os sonhos do faraó. Daí ter sido nomeado governador de todo o povo egípcio, tendo-se depois verificado que a sua interpretação do sonho das vacas gordas e das magras, das espigas cheias e das chochas, estava perfeitamente correcta.

Não podemos evitar a aproximação entre o José do Egipto e o nosso S. José, depois de lermos as palavras do Papa Francisco na convocação de um ano especialmente dedicado ao pai adoptivo de Jesus. Diz o Santo Padre que S. José é o homem que age também quando dorme, porque sonha o que Deus quer. E pede ao Senhor «*que nos conceda a todos a capacidade de sonhar, porque quando sonhamos coisas grandes, bonitas, aproximamos do sonho de Deus, daquilo que Deus sonha sobre nós. Que conceda aos jovens — porque ele era jovem — a capacidade de sonhar, de arriscar e de cumprir as tarefas difíceis que viram nos sonhos. E conceda a nós a fidelidade que em geral cresce numa atitude correcta, cresce no silêncio e na ternura que é capaz de guardar as próprias debilidades e as dos outros*».

De Nossa Senhora, os evangelhos ainda guardaram algumas palavras: o diálogo com o anjo da anunciação, as queixas que faz a Jesus quando ficou em Jerusalém, entre os doutores da Lei, as palavras proferidas nas bodas de Caná. De S. José, porém, não ficou uma única frase, uma única palavra. Conhecemos apenas alguns sonhos que ele certamente contou a Nossa Senhora que, por sua vez, os terá contado aos discípulos e redactores dos evange-

lhos. Mas não foram sonhos vagos, devaneios inúteis. Os antigos acreditavam que os sonhos eram uma forma de conhecimento verdadeiro e que, através deles, podia Deus comunicar com os homens. Daí que os sonhos o tenham levado a agir decidida e rapidamente, casando primeiramente com sua noiva Maria, estando ela grávida, e, depois do nascimento, salvando sua e nossa Senhora, o seu e nosso Menino, fugindo para o Egipto. Para além destes episódios absolutamente invulgares e bem reveladores da sua forte personalidade, a vida de S. José decorreu no maior silêncio e discrição, inteiramente devotado ao serviço amoroso do Menino e de sua Mãe.

Podemos facilmente imaginar como seria o seu quotidiano de carpinteiro. Não podemos imaginar menos do que um trabalhador aplicado e apostado na perfeição das suas obras, que levaria aos seus clientes o preço justo, que cumpriria prazos e orçamentos, que estaria sempre pronto a ajudar quem dele precisasse; um homem convivente e amável com os vizinhos, atento e respeitador dos desconhecidos. Um homem delicadíssimo e dedicadíssimo a sua esposa, sempre atento às suas necessidades, terno e respeitador da sua personalidade e da missão de mãe de Deus; um pai cuidador do seu Menino e seu Deus. Tam-



bém ele, como Nossa Senhora, lhe prepararia as refeições, lhe daria de comer, o deitaria na cama, lhe cantaria alguma canção de embalar, lhe daria banho e o arranjaria. Não será inverosímil imaginar que brincaria com ele, lhe fabricaria brinquedos, lhe faria cócegas, o traria às cavalitas, como fazem todos os pais de todos os tempos, lhe daria a mão nos seus passeios e caminhadas, enfim, o cobriria de mimos.

A iconografia cristã representa Nossa Senhora ensinando o Menino a ler, mas com toda a certeza, S. José faria o mesmo. Ele o terá iniciado na leitura da Sagrada Escritura e lhe terá explicado o sentido do que lia. Por certo o iniciou na oração quotidiana, no cumprimento dos mandamentos, na prática religiosa. Se Jesus ia crescendo em graça e santidade, como dizem os evangelhos, também o deveu, por certo, ao exemplo e à palavra de seu pai adoptivo, ao ambiente sagrado da sua família.

Ocorreram-me estas reflexões a propósito da convocação de um ano dedicado a

S. José que o Santo Padre Francisco acaba de fazer. A razão imediata dessa convocação é assinalar os 150 anos da declaração do santo como padroeiro da Igreja Universal feita pelo Papa Pio IX, em 1870. Mas outra razão haverá ainda que é a de intensificar a nossa devoção a essa figura excepcional a quem Deus entregou a responsabilidade de ser marido de Nossa Senhora e pai adoptivo do seu Filho, formando assim a Sagrada Família. Que ele, ao lado do Menino, abençoe as nossas famílias e as proteja das forças que pretendem destruí-las.

Assim como S. João Baptista foi considerado pelo próprio Senhor o maior de todos os profetas, assim também S. José deverá ser considerado o maior de todos os santos. De qual, dos que depois dele viveram, se poderá dizer que foi responsável pela vida de Deus feito homem e de sua mãe imaculada? Se sua esposa trouxe o Menino no ventre durante nove meses, ele o trouxe ao colo, o educou e sustentou. Que maior dignidade do que essa?

Jesus no centro

Caminhamos já no tão desejado ano de 2021, com a esperança renovada de que este ano será melhor que aquele que ficou para trás. Embora, em termos da pandemia talvez não venha a ser muito diferente. No que se refere a tudo o resto que envolve a nossa vida, penso que tudo será bem melhor se mantivermos acesa a luz do Natal, que o Menino Jesus nos trouxe. O Menino nasceu para nós, «não estamos sozinhos», é importante mantermos a fé e a confiança, sempre unidos em família à semelhança da Sagrada Família de Nazaré.

Ainda antes de terminar 2020, o Papa Francisco anunciou um ano especial de oração pela família, para celebrar o quinto aniversário da Exortação Apostólica *Amoris laetitia*. Curiosamente começará no dia de São José, e terminará com a celebração do Encontro Mundial das Famílias, em junho de 2022. Recordemos que a 8 de dezembro de 2020, o Papa convocara já, através da sua Carta Apostólica *Patris Corde*, o ano de 2021, como o Ano de São José. Ali o Papa fala-nos do homem a quem «Deus confiou os seus tesouros mais preciosos: Jesus e Maria». E descreve São José nas mais variadas vertentes, mas acima de tudo mostra-nos como confiou, incondicionalmente, nos planos que Deus tinha para si, apesar de todas as suas dúvidas e angústias.

Ao longo da nossa vida todos somos confrontados com dificuldades, umas vezes mais difíceis de vencer, outras menos. Atualmente verificamos que muitas são as famílias afetadas pela falta de trabalho, pela doença ou mesmo pela perda de alguém muito querido. Se ajudar, desembrulhemos novamente as figuras do Presépio e ali fixemos o nosso olhar. Também a família de Jesus passou por dificuldades, basta recordar o seu percurso.

As dificuldades do dia a dia e as incertezas quanto ao futuro inquietam-

nos e toldam o nosso pensamento, deste modo também na *Patris Corde*, o Papa Francisco escreve: «Na nossa vida, muitas vezes sucedem coisas, cujo significado não entendemos. E a nossa primeira reação, frequentemente é de desilusão e revolta». E aponta São José como um exemplo de superação das dificuldades: «Diversamente, José deixa de lado os seus raciocínios para dar lugar ao que sucede e, por mais misterioso que possa aparecer aos seus olhos, acolhe-o, assume a sua responsabilidade e reconcilia-se com a própria história. Se não nos reconciliarmos com a nossa história, não conseguimos dar nem mais um passo, porque ficaremos sempre reféns das nossas expectativas e consequentes desilusões».

Cada um de nós está inserido numa família, pois a família é uma condição necessária a todo o ser humano. No entanto, nem sempre é fácil a relação familiar. Um dos grandes inimigos da família é o tempo. Os horários são exigentes, o emprego é longe de casa e a televisão e redes sociais roubam o pouco que fica. Outro inimigo é a falta de paciência; queremos que tudo nos seja servido no imediato. É necessário, porém, que haja mais amor, generosidade e oração familiar, caso contrário não haverá entendimento.



Ainda em 2018, o Papa nos dizia que a família «é um tesouro a ser protegido e defendido». Não há nenhuma família sem problemas ou dificuldades, e quando estes surgem, muitas vezes não temos a capacidade de os resolver. Cada um enche-se de razão e não cede ao outro, e isto conduz à tristeza, à angústia e muitas vezes à separação. É importante saber gerir tudo isso e ter a capacidade de descobrir e maravilhar com o que de bom cada pessoa possui no seu interior. «Maravilhar-se», diz-nos o Papa «é abrir-se aos outros, compreender as razões dos outros: essa atitude é importante para curar relacionamentos comprometidos entre as pessoas e é também indispensável para curar feridas abertas no âmbito familiar». Quando uma família é confrontada com problemas, é quando deve permanecer mais unida e «rezar com coragem, até com importunação, sem nunca se cansar; porque a oração não é uma varinha

mágica, mas uma busca, um trabalho, uma luta que requer vontade, constância e determinação». Aliás, já Jesus nos ensinou: «Pedi e ser-vos-á dado» (Mt 7:7-12).

Tal como a Sagrada Família de Nazaré, deixemos que Jesus seja o centro da nossa vida familiar. Não nos esqueçamos de Lhe rezar diariamente; não nos cansemos de pedir e confiar a nossa vida. Apesar das circunstâncias atuais que esta pandemia nos impõe, não deixemos de assistir à Eucaristia, em família, é ali que «Ele nos fala, nos oferece a sua Palavra, nos ilumina o nosso caminho, nos dá o seu Corpo (...) do qual tiramos força para enfrentar as dificuldades de todos os dias».

Sigamos o conselho do Papa Francisco para neste ano especial «aprofundar os conteúdos do documento *Amoris laetitia*, através das propostas e instrumentos pastorais, que estarão à disposição das comunidades eclesiais e das famílias, para acompanhá-las no seu caminho».

Um homem de Igreja

No dia 10 de Março de 2020, o Papa Francisco celebrava, confinado e sozinho, a Santa Missa na capela de Santa Marta, no Vaticano. E nesse dia pediu: «Rezemos ao Senhor também pelos nossos sacerdotes para que tenham a coragem de sair e ir ao encontro dos doentes, levando a força da Palavra de Deus e a Eucaristia».

Nós por cá, também confinados, íamos atravessando a dura provação da impossibilidade de aceder aos sacramentos, de receber a comunhão sacramental, de se encontrar com os irmãos e irmãs em comunidade. O isolamento e a distância era a recomendação repetida a toda a hora. Muitos sentiram a dor de não poderem participar presencialmente na Missa e na comunhão eucarística. As pessoas idosas e os doentes achavam o ambiente estranho e ficaram «mortos de saudades» pelos seus, que não podiam abraçar. Também alguns sacerdotes tinham perdido a coragem de homens e pastores destemidos e sentiam-se um tanto ou quanto perdidos, sem saber como agir. Entre eles está o meu nome. Senti-me incómodo e incomodado. Sabia, por informação directa ou por terceiros, que havia gente que tinha o consolo de assistir à missa pela televisão, mas, chegado o momento da comunhão, ficavam com os olhos húmidos de tristeza e pena por não poder comungar.

Não sei porquê, um dia, lembrei-me de Raoul Follereau (1903-1977), um escritor, jornalista e filantropo francês, que se dedicou com toda a alma e risco ao tratamento dos leprosos, fundando uma cidade, chamada Adzopé, onde os leprosos eram tratados e curados. Raoul Follereau repetia muitas vezes esta frase: «*Ser feliz é fazer os outros felizes*». Também me caiu nas mãos o testemunho do padre Mark David Janus (Nova Iorque), infectado também ele

pelo Covid-19: «*Eu sou um sacerdote ordenado para a Palavra, para o Sacramento e para o Serviço, e as estruturas desse ministério tornaram-se inacessíveis e o seu futuro desconhecido... A minha história do Covid-19 termina com uma lição. Um vírus invisível aos nossos olhos está a ensinar o mundo até que ponto todos nós somos frágeis e estamos interligados. Essa interligação não é simplesmente uma ocasião de doença, mas uma oportunidade de comunhão. Em última análise, nós só estamos ligados a Deus pelo amor. O Senhor Jesus Ressuscitado continua ligado a nós pelo amor, um amor que nos liga uns aos outros, através de vidas de serviço, de misericórdia e de bondade. Assim derrotaremos o vírus e reconstruiremos o nosso mundo*».

As notícias iam-nos mostrando a curva descendente da primeira vaga e a esperança de voltar à normalidade era cada vez maior. No entanto, chega a segunda vaga e a situação tornou-se pior do que na primeira. Andamos todos meios mudos e à deriva, olhando em frente e sempre a ver quando cai alguém ao nosso lado. Além da doença, vou sentindo como não menos perigoso o isolamento a que as pessoas se estão a acostumar. O fechamento cria muros; olhamos os outros com desconfiança; as ligações e os melhores sentimentos entram em agonia: a frustração, a dor e a ira cegam-nos o olhar e roubam-nos os cânticos de paz e de esperança.



Envergonhado pelo exemplo de quem todos os dias, nas situações de emergência, nos mostra que dependemos da solidariedade dos outros, resolvi sair para a rua e ir ao encontro dos idosos e doentes das *minhas* paróquias.

Durante três dias visitei, ouvi e levei a Sagrada Comunhão a quem acredita e se sabe acompanhado e ligado pelo amor de Deus. No fim concluí que, afinal, quem precisava de ajuda era eu, pois senti-me *«sacerdote ordenado para a Palavra, para o Sacramento e para o Serviço»*. Consegui arrancar sorrisos em rostos tristes, consegui que se abrisse uma porta há tantos dias fechada, mas, sobretudo, trouxe comigo o que só se pode dizer com os olhos da alma: o enlevo, o encanto, o amor, a atracção e a devoção à Eucaristia. Além disso, voltei a sentir-me agente de comunicação, de relação, de esperança e conforto. Exemplo disso é a visita à Dona Maria Melo (88 anos), da paróquia de Rosém:

À hora combinada fui acolhido no exterior pelo marido e pela filha. Ao abrir a porta do seu quarto, olhou-me e advertiu-me carinhosamente: *«Há quanto tempo! Bendito seja Deus que o vejo!»* Eu pergunto-lhe, simplesmente: *«Como vai a Dona Maria?»*. E ela, sempre com humor, responde-me: *«Olhe, senhor padre, vou como o Belchior. Umaz vezes melhor, outras vezes pior»*. Lá me sentei numa cadeira e ouvi histórias da vida e da família; respondi a perguntas sobre o Covid, a Igreja, a juventude e a nossa paróquia; ouvi agradecimentos ao marido, à filha, aos amigos. Por fim, rezamos os dois e ela, devotamente, recebeu a Sagrada Comunhão e lá ficou recolhida com o seu Amado Jesus no coração. *«Rezo todos os dias pelo meu netinho, para que seja um homem de Igreja»*, tinha-me dito a Dona Maria. Agora peço-lhe eu: Reze todos os dias pelo seu pároco, para que seja um homem de Igreja.

Levo Deus na minha bicicleta

– Um, dois, três... buuu!

– Que grande susto, Modesto! O que andas tu a fazer?

– A minha mãe pediu-me para ir ao supermercado comprar umas coisas e eu vou a caminho.

– Ena, Modesto... lindo menino, crescido, responsável e amigo de ajudar, muito bem! – elogiei.

– Às vezes não me apetece nada deixar as minhas brincadeiras para fazer isto, mas tem que ser! Além disso, alguns amigos ainda me gozam... – disse Modesto, com ar desgostoso.

– Pois é, Modesto, a vida não é feita só de folias, também é preciso trabalhar e ajudar, mas eu sei que foi só um desabafo de alma, pois lá no fundo és um rapaz ajuizado, bem comportado e bom amigo. Quanto aos que te gozam, o melhor é não fazeres caso, é claramente uma dorzita de cotovelo que os atinge.

– Por falar em comportamento, ontem assisti a um vídeo em que algumas pessoas estavam contra Deus. Mas, afinal, quem é Deus? – perguntou o Modesto.

– Olha, há muitas pessoas que falam de Deus, mas também é verdade que jamais alguém O viu. Há quem diga: *Deus não existe; só acredito no que os meus olhos veem*. Outros, porém, dizem: *há algo superior a nós, mas não sei se é Deus*. Há ainda os que preferem não ter opinião e como há um grande grupo que vai, eles vão também...

– Como se pode conhecer alguém se não investigarmos sobre ele? Talvez o que faz falta é realmente conhecê-lo! – sentenciou o Modesto.

– Quando queremos conhecer melhor determinada pessoa com quem nunca estivemos, o que fazemos? Lemos o que ele escreveu, o que ele fez, partilhamos informações com quem já contactou com ele, seguimo-lo nas redes sociais... no fundo é um pouco assim o que temos de fazer para descobrir quem é Deus, o seu rosto.

– Mas como é que isso é possível? – interrogou o Modesto.

– De certa forma, nós somos marcados pela sociedade em que vivemos, uns mais, outros menos, mas somos sempre influenciados. Um fator predominante é a cultura do proveito, isto é, se a pessoa ou algo tem interesse, aceita-se; aquilo não me interessa, deita-se fora! Parece que pouco ou nada vale o que as pessoas e as coisas são, só vale o interesse que dão!

– Mas isso é muito mau! – ripostou o Modesto.

– Ainda bem que pensas assim, mas o mesmo acontece relativamente a Deus. Há pessoas que só recorrem a Ele em prol do seu benefício. Pouco interessa conhecê-lo e muito menos o que Ele pensou, quando nos criou, ou quando criou o mundo. Fazem o que querem, divertem-se sem regras, realizam negócios escuros sem olhar a meios, procuram apenas o prazer e saborear até à última gota. Deus é literalmente posto de parte. Quando algo corre mal, então aí, *Deus nos acuda* e o quanto antes! Vão logo a correr a pedir-lhe uma cunha. Já que Ele tem poder para tudo fazer, certamente que vai dar um jeitinho e resolver o problema. Fazem-lhe promessas, umas quantas orações por intercessão de meia-dúzia de san-

tos, acendem umas velas, dão esmolas..., tudo para tentar enganá-l'O.

– Tenho ideia de que algumas pessoas veem Deus como um juiz! – opinou o Modesto.

– Sim, Modesto, tens razão – concordei. Essa é outra imagem que fazem de Deus: um juiz que sabe tudo e que não desculpa ninguém. Esta ideia está patente na cabeça de muita gente e leva-os a olhá-l'O com medo. Mas, logo que o medo passa, voltam ao que eram, ou seja, a centrar-se nos seus interesses.

– Mas, então, como podemos conhecer verdadeiramente Deus? – perguntou ele.

– As palavras que Deus pronunciou e as ações que praticou são os melhores elementos que temos para descobrir quem Ele é. Através de umas e outras é que podemos ir percebendo e descobrindo os seus modos de agir, os seus sentimentos, ou seja, a sua verdadeira identidade, os seus traços característicos.

– Ah, ok. E isso está na Bíblia! – arrematou.

– Ora nem mais! – confirmei.

– Então, podemos dizer que Deus é um bom amigo – disse o Modesto e continuou –, que cumpre as promessas que faz e que está atento a todos nós.

– Oh Modesto, muito bem dito! – elogiei e prossegui –, há muitas coisas que nós não vemos e, apesar disso, sabemos que existem. Tu consegues ver o frio, o calor ou mesmo o amor?

– Não, não consigo vê-los – respondeu ele e assentou – mas consigo senti-los.

– Nos pneus da tua bicicleta – continuei – existe ar que proporciona um andar com conforto e estabilidade. Se tudo estiver bem regulado, consegues dar uma volta sem grande esforço e com pouco des-



gaste. Daí que a pressão dos pneus da bicicleta é essencial para o seu bom funcionamento e para a tua segurança. Quando os pneus têm a quantidade de ar certa, vais sentir maior conforto, além de teres maior aderência e controlo. Mas se a pressão for demasiado baixa, arriskas-te a trilhá-los e estes gastam-se mais rapidamente. Se a pressão for demasiado alta, vais sentir mais a trepidação e todos os demais impactos, além de teres menos tração. Já tinhas pensado na importância de algo que não vês e sem o qual seria muito difícil fazeres a tua tarefa de bicicleta?

– Já sei onde queres chegar! – disse o Modesto e concluiu – Apesar de não vermos Deus, temos muitas formas de sentir a Sua presença e de saber o quão importante Ele é para nós.

– É isso mesmo – disse-lhe para findar a conversa e sugeri – não te esqueças de O levar sempre contigo, mesmo na bicicleta.

– Claro que sim! Vamos confiantes...

Sonhar, caminhar, cuidar

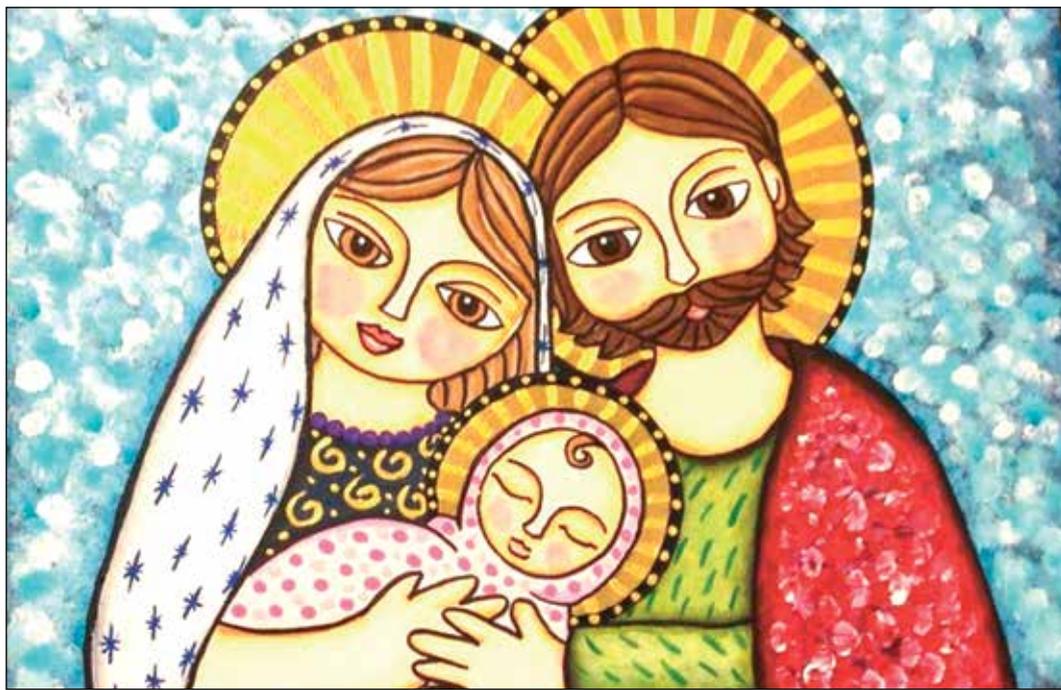
Apesar de saber que o tempo do nosso calendário é apenas uma convenção, sempre fui fascinada pelos recomeços sucessivos. Assim, em cada final de ano, sinto o apelo de revisitar o ano e de reviver as alegrias e tristezas, refletindo sobre as aprendizagens e oportunidades de crescimento que me trouxeram, estabelecendo também o mote para o ano que começa. De há uns anos para cá, fizemos desta uma tradição familiar.

Em janeiro do ano passado, lemos um texto publicado pelo Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura (Traduzido de um texto original de Ermes Ronchi, publicado no jornal *Avvenire*. Disponível em https://www.snpcultura.org/sao_jose_sagrada_familia_sonhar_caminhar_cuidar.html), que se tornou uma inspiração. Estando ainda longe a decisão do Papa Francisco de dedicar um ano a *São José*, iniciamos o ano de 2020 a olhar o seu exemplo – perante a ameaça de Herodes, o que faz José? «*Sonha, estreita junto de si a sua família, e põe-se a caminho. Três ações: seguir um sonho, caminhar e cuidar. Três verbos decisivos para cada família e para cada indivíduo; mais, para o destino do mundo*». Sentimo-nos interpelados.

Sonhar. A exemplo de José esforçamo-nos por nos deixarmos guiar por sonhos. Para *cada um de nós*, pessoalmente, para *nós*, enquanto família, e para *o mundo* do qual fazemos parte. Mas não sonhamos no ar. Sonhamos com os pés assentes na terra e, mais do que tudo, assentes na Boa Nova que Jesus Cristo nos deixou. Sonhamos um mundo guiado pelo mandamento primordial «*amai-vos uns aos outros como eu vos amei*». Um mundo onde cada pessoa é o *próximo*. Um mundo sem fronteiras artificiais onde não é necessário o passaporte certo para se poder ser salvo no Mediterrâneo. Onde as diferenças são vistas

como uma riqueza e não com desconfiança. Onde se luta por incluir e não por excluir e discriminar. Onde não há *peças de bem e peças de mal*, como nos querem fazer crer certos discursos políticos. Onde se trabalha para construir pontes e não muros. Onde a principal utopia é a luta pela igualdade, a justiça e a paz.

Caminhar. A exemplo de José também nós reconhecemos que o sonho não é algo abstrato mas algo que nos impele a caminhar. Primeiro, em direção a uma renovação interior. Depois, a sair desse eu em renovação para ir ao encontro do outro com quem nos cruzamos. Há tanto caminho por fazer. E tanto a acontecer nesse caminho. Sentimo-nos inspirados pelo sem número de encontros de Jesus que se deram *a caminho*. Sentimo-nos convidados a sair dos caminhos já percorridos, das nossas certezas, para ir por caminhos novos. Para nos darmos. Sem aceção de pessoas. Jesus não se fecha no templo. Jesus busca, toca, e com esse toque muda a vida de quem o encontra. Samaritanos, prostitutas, cegos, cobradores de impostos. É para estes que Jesus vem. Aprendemos o valor de um olhar de amor! Procuramos nós também olhar, aceitar, compreender, reconhecer e acolher para fazer viva a palavra de Jesus. A Parábola do Bom Samaritano diz-nos que o *próximo*, não é aquele que é igual a mim, mas sim quem se cruza comigo no caminho



e repara em mim. Quantos caminham pela vida à procura de acolhimento, seja físico, seja espiritual? É certo que o convite de Jesus é desafiante. Mas para caminhar é preciso estar disposto a crescer e a questionar. Estar disponível para deixar terra firme e navegar em águas desconhecidas. Com a certeza de que Jesus, se nos colocamos do lado do amor, do acolhimento e da inclusão, irá sempre na nossa barca.

“ **A exemplo de José esforçamo-nos por nos deixarmos guiar por sonhos.**

Cuidar. José é exemplo da generosidade do cuidar. Com os olhos em José, estreitamos laços. Refletimos sobre uma ética do cuidado na família e no mundo. Cuidar é esquecer-se de si para estar ao serviço do outro. É vencer egoísmos. É estar atento. Na última ceia, Jesus lava os pés aos dis-

cípulos, em sinal de humildade e serviço. É esta a Igreja de Jesus Cristo. Uma Igreja onde todos somos um. Num mundo onde se assiste a uma escalada de populismos, nacionalismos, ódio, racismo e intolerância, a Igreja é convidada a discernir qual o seu lugar. Como nos alerta o Papa Francisco, na Encíclica *Fratelli Tutti*, há várias ideologias que, «*mesmo disfarçadas por detrás da defesa de alguns valores*», querem destruir a coesão social e o sentimento de humanidade partilhada. Temos de ser vigilantes. A palavra de Jesus não pode ser confundida com discursos de ódio, com apelos à violência, com discriminação seja de que tipo for, com exclusão da diferença. Como cristãos e como Igreja somos chamados a distinguir *o trigo do joio*.

Que neste ano de São José saibamos ser uma Igreja que sonha, que caminha e que cuida!

São José: Padroeiro universal da Igreja

No dia 8 de dezembro de 2020 o Papa Francisco assinava a Carta Apostólica *Patris Corde* (Com o coração de pai) para assinalar e comemorar o 150º aniversário da proclamação de São José como Padroeiro Universal da Igreja, feita pelo Papa, o Beato Pio IX, a 8 de dezembro de 1870. Por este motivo, o Papa Francisco convocou a Igreja a dedicar este ano a São José, desde 8 de dezembro de 2020 a 8 de dezembro de 2021. Estamos, pois, a viver o Ano de São José.

Diz o Papa Francisco que, *«depois de Maria, a Mãe de Deus, nenhum Santo ocupa tanto espaço no magistério pontifício como José, seu esposo. Os meus antecessores aprofundaram a mensagem contida nos poucos dados transmitidos pelos Evangelhos para realçar ainda mais o seu papel central na história da salvação: o Beato Pio IX declarou-o “Padroeiro da Igreja Católica”, o Venerável Pio XII apresentou-o como “Padroeiro dos operários”; e São João Paulo II, como “Guardião do Redentor”. O povo invoca-o como “padroeiro da boa morte”»*.

De facto, assim é, não há nenhum santo que ocupa um lugar tão grande no magistério da Igreja e, depois da Virgem Maria, não há santo maior. Afinal de contas, José foi o escolhido por Deus, entre todos os homens, para ser o esposo da Virgem Maria e ser o pai do Filho do Altíssimo.

Apesar de nos Evangelhos as referências a José, o carpinteiro de Nazaré, não serem muitas, ele tem um papel de extrema importância na história da salvação. Fiel à vontade de Deus aceitou a missão que Ele lhe confiou de ser o pai do Seu Filho. Foi ele que sustentou a Sagrada Família, que educou Jesus, que O amou, ajudou a crescer e Lhe ensinou uma profissão. São José é modelo de marido, modelo de pai, modelo de trabalhador, modelo do crente que em tudo busca cumprir a vontade de Deus.

O Papa Bento XVI no *Angelus* do III Domingo de Quaresma, 19 de Março de 2006, referiu-se a São José com as seguintes palavras: *«A figura deste grande Santo, mesmo sendo bastante escondida, reveste na história da salvação uma importância fundamental. Antes de tudo, pertencendo ele à tribo de Judá, ligou Jesus à descendência davídica, de forma que, realizando as promessas sobre o Messias, o Filho da Virgem Maria se pôde tornar verdadeiramente “filho de David”. O Evangelho de Mateus, de modo particular, ressalta as profecias messiânicas que encontraram cumprimento mediante o papel de José: o nascimento de Jesus em Belém; a sua passagem através do Egipto, onde a Sagrada Família se tinha refugiado; a alcunha “Nazareno”. Em tudo isto ele demonstrou-se, ao mesmo nível da esposa Maria, herdeiro autêntico da fé de Abraão: fé no Deus que guia os acontecimentos da história segundo o seu misterioso desígnio salvífico. A sua grandeza, ao mesmo nível da de Maria, sobressai ainda mais porque a sua missão se desempenhou na humildade e no escondimento da casa de Nazaré. De resto, o próprio Deus, na Pessoa do seu Filho encarnado, escolheu este caminho e este estilo a humildade e o escondimento na sua existência terrena»*.

O Papa Francisco, na Carta Apostólica *Admirabile Signum* escreveu que «São Jo-



sé desempenha um papel muito importante na vida de Jesus e Maria. É o guardião que nunca se cansa de proteger a sua família».

Como os Evangelhos deixam de falar José após a vida pública de Jesus, deduz-se que ele tivesse, entretanto, morrido, senão, certamente, tal como Maria, ele seria o primeiro dos Seus discípulos e estaria junto dele aos pés da Cruz.

O Papa São Paulo VI no *Angelus* na Solenidade de São José, a 19 de março de 1970, falou da importância de São José na missão da Igreja: «Como no Evangelho da infância do Senhor, a Igreja tem necessidade de ser defendida, de permanecer fiel à escola de Nazaré, pobre e laboriosa, mas viva, sempre consciente e forte, para poder realizar a sua vocação messiânica. [...] *Invoquemos, pois, o patrocínio de São José sobre a Igreja, que, atualmente, está sujeita*

a tantas atribuições, ameaças, suspeitas e contestações. Mas a invocação não é suficiente; a imitação também é necessária. [...] A missão de São José é também a nossa: defender e fazer crescer Jesus Cristo em nós e à volta de nós».

São João Paulo II na Exortação Apostólica *Redemptoris Custos* faz como uma súmula importante a reter na nossa devoção a São José, tão importante e tão útil: «*De-sejo vivamente que esta evocação da figura de São José renove também em nós o ritmo da oração [...]. É, fora de dúvida, efetivamente que esta oração e a própria figura de São José revestem-se de atualidade renovada para a Igreja do nosso tempo, em relação com o novo Milénio cristão».*

Não deixemos, pois, de invocar a proteção e a intercessão de São José, sobretudo neste ano a ele dedicado.

Não toques com os teus dedos apenas em *jigajogas*, mas nas pessoas

Caríssimo jovem:

desejo que estas palavras te encontrem o melhor possível.

Hoje desejo dizer algo de minimamente oportuno em resposta a me teres dito, há já alguns meses, que te *sentias dependente do mundo digital* – porventura igualmente devido aos desafios que este *Covid* te estará a colocar.

Todos nós crescemos atravessando uma fase em que o *fazer de conta* é fundamental para desenvolvermos ao máximo as nossas capacidades. Quem é que não teve gosto em se imaginar uma polícia, uma índia, um professor, um enfermeiro, um príncipe, um padre?

Em nenhum de nós isso foi apenas uma forma de fugirmos à rotina e à aparente – apenas aparente – banalidade das nossas vidas. Foi muito mais do que isso. Foi uma maneira de fazermos vir ao de cima, observar e adotar (ou rejeitar) alguns traços da nossa personalidade e, em função destes, imaginarmos o que poderíamos ser no futuro.

Nos dias de hoje, todo esse mundo do *faz de conta* surge facilitado por mil e uma maravilhas tecnológicas que estão dentro das nossas casas e até dos nossos bolsos. Maravilhas que fazem com que tal realidade esteja literalmente, e no que dá nome a esse *mundo digital*, à distância dos nossos *dedos* ou *dígitos*. Podemos: ver imagens e filmes de qualquer parte do mundo; assumir, nesta fantasia virtual ou naquela rede social, uma identidade diferente da nossa; ver o Papa quase todos os dias sem termos que ir a Roma; visitar acontecimentos históricos; comunicar com amigos distantes; buscar informações acerca de temas que nos cativam; jogar, sozinho ou em equipe,

este ou aquele jogo virtual; etc.

Contudo, essas maravilhas têm que ser humanizadas para não nos desumanizarem. Têm, devido ao seu poder em *estado indomado* com que nos chegam, que ser conhecidas e domesticadas, de modo a não nos sugarem para o que de mais impróprio elas também podem conter. Isto é assim com quase qualquer realidade com que contactamos, mas, devido à enorme capacidade de sedução e de envolvimento de tudo aquilo que as ditas maravilhas comportam, necessitamos de ter um maior cuidado com elas que.

Talvez te possa indicar um meio – que estimo simples, mas igualmente seguro –, para que tu consigas verificar se estás a viver esse mundo digital de um modo sadio. A saber: és tu que, para proveito do teu crescimento como pessoa e como cristão – o que implica, logo, uma preocupação com os demais –, entras e saís do mesmo? Ou já é ele que, para benefício dos seus próprios interesses – nem sempre benéficos para ti nem para outras pessoas –, entra em ti quando quer e até, se calhar, não te deixa desprenderes dele, suscitando em ti: ansiedades; desconfortos; desajustes sociais; exibicionismos bacocos; ideias e emoções tóxicas; etc.?

Ao teres usado a palavra *dependência* – que, verdade seja dita, me parece



bastante excessiva face a outros aspetos do teu carácter que tenho verificado no que me referiste – é possível que estas duas vertentes que aponte no parágrafo anterior já estejam um pouco misturadas em ti. Era melhor que não estivessem e que algo pudesses fazer para não estarem – como, por exemplo, fazeres algum jejum desse mundo virtual. E era, pois não há nada que mais nos faça amadurecer como o *contacto real e corporalmente presente* com as demais pessoas e outras realidades concretas que nos rodeiam. Não toques com os teus dedos apenas em *jigajogas*, mas sobretudo nas pessoas.

No mundo real não há a possibilidade de usarmos tantas máscaras, nem, em consequência, a hipótese de vivermos enganados (e a enganarmos) acerca: de quem somos; e de quem, querendo ser no futuro, devemos ser no presente. No mundo real não podemos *sair do jogo* e começar de novo como se nada tivesse acontecido. Mais: nesse mundo as arestas – quer das personalidades dos demais, quer do restante da criação – cortam mais palpavelmente as nossas ilusões e obrigam-nos a aterrar na



abençoada realidade em que o Deus-Amor trabalha para criar, connosco, uma comunidade de amor criativo, belo e entusiasta.

Nós não nos tornamos adultos no momento em que somos capazes de usar tecnicamente tais maravilhas. Tornámo-nos adultos também quando, atentos àquele sonho divino que é a plenitude da nossa felicidade, mostramos ser capazes de reagir adequadamente ao que elas nos dão e pedem e, depois e avaliando os efeitos do que faremos, dizemos *sim* ou *não* às mesmas em função do que for mais oportuno para amarmos melhor e do modo mais alegre. Não deixes que os momentos de isolamento social que temos vivido te iludam acerca disto.

Amor e *amar*. Eis duas palavras que, tendo sido por mim usadas algumas frases mais acima, me permitem fazer um agravo com o tema da minha próxima carta, na qual pretendo comentar algo a respeito de me teres mencionado que *não sabes o que é amar*.

Até essa ocasião, despeço-me com os meus mais francos cumprimentos,
Alexandre Freire Duarte

Uma história bonita

Iniciamos, hoje, uma nova incursão pelo mundo da Bíblia. Queremos descer aos pormenores de cada uma dessas histórias, mas pensamos, antes de mais, em olhar para o *tempo*, ou, se quiserdes, para a sucessão dos dias e dos anos, para as horas que o preenchem. Tudo, porque estamos perante um novo ano de graça que nos é proposto. Diria que é uma das mais belas histórias de Deus com a humanidade.

Estamos certos que Deus é criador, é futuro, é a nossa esperança; nos oferece sempre uma hipótese, um novo alento; que acredita em nós e nos dá todas as possibilidades para (voltarmos a) ser felizes.

Estamos a começar um novo ano, um tempo que nos é aberto para o inventarmos juntamente com Deus; um tempo que nos é desconhecido e que depende de tantas opções, de tantos condicionalismos, de tantas incógnitas (É de facto uma bela história, mais uma ou a primeira de todos os anos, a construir de mãos dadas com Deus). É, precisamente, tudo isto que faz com que cada ano que começa seja digno de ser enfrentado e inventado com a liberdade que Deus nos proporciona gratuitamente.

Num dos primeiros livros da Bíblia, podemos ler: «*A terra para onde caminhas, a fim de a possuir, é uma terra de montanhas e vales, que bebe água das chuvas do céu; é uma terra de que o Senhor, teu Deus, cuida e para a qual os olhos do Senhor, teu Deus, estão sempre voltados, desde o começo do ano até ao fim*» (Deut 11:11-12). Historicamente, relata a situação do povo hebreu liberto, recentemente, da escravidão do Egipto, que é conduzido pelo deserto para uma terra nova e desconhecida. O povo avança protegido pelo seu Deus, confiante só n'Ele. Mas é o povo que avança através das dificuldades da caminhada (isto é importante reter...).

Sabemos que todo o Antigo Testamento consta da revelação de Deus através das

realidades humanas da própria existência; que Deus «*só sabe falar*» do seu Filho e que, portanto, se nos queremos aperceber da profundidade da revelação, há que procurar na história do povo o que nos esclarece acerca de Jesus Cristo e o que tem a ver com a nossa própria história pessoal e colectiva.

De facto, Jesus Cristo veio dizer-nos que a tal «*terra para onde caminhamos*» é a vida eterna; que estamos aqui apenas de passagem; que cada ciclo anual é apenas mais um ciclo em que somos convidados a aproximarmo-nos de nós próprios, de Deus e dos outros. No fundo, é uma proposta de viagem (com Deus) para o nosso interior, para uma conversão ao amor, para uma abertura aos outros e à verdade total.

Vamos acompanhados por Deus (história bonita...). Vamos, porque o nosso Deus nos desafia e nos proporciona mais este tempo «*de graça*». Deus vai à nossa frente, a iluminar-nos o caminho, como fez, outrora, ao povo que ia pelo deserto. E Deus vai provendo a tudo o que nos é necessário: «*Coroas o ano com os teus benefícios, por onde passas, brota a abundância*» (Sal 65 [64]).

E a pergunta que nos pode aparecer é esta: estou a aproveitar o melhor que posso



desta nova oportunidade que Deus me dá? Vou com entusiasmo? Apercebo-me, aceito, uso bem tudo o que Deus me propõe para me ajudar a «*ir caminhando*»? Aceito que Ele vá comigo?

É que Deus já nos disse há muito tempo: «*Escuta, meu filho, recebe as minhas palavras e multiplicar-se-ão os anos da tua vida*» (Prov. 4,10).

Deus propõe que O deixemos ir conosco, que ouçamos o que Ele já nos disse e continua a propor; tudo são ajudas Suas, para que a nossa vida, a nossa Vida verdadeira, seja multiplicada, se eternize. Sobre tudo no Livro dos Salmos, encontramos referências ao «*tempo de Deus*»: «*Os teus anos não têm fim*» (Sal 103 [102]). Viver em harmonia com Deus, colaborando com Ele, faz com que entremos na sua dimensão de tempo, na eternidade.

É este o grande desafio que nos é proposto no início de cada ano: deixarmo-nos conduzir para o tempo de Deus.

A pergunta fundamental que o ser hu-

mano sempre se põs é: Quem sou eu? Na Bíblia, esta pergunta vem feita e é respondida: «*Que é o homem, e para que serve? Qual é o seu bem e qual é o seu mal? A duração da vida do homem, quando muito, é de cem anos; para cada um é imprevisível o tempo do sono da morte. Mas, como uma gota de água do mar ou como um grão de areia, assim são os seus anos ante um dia da eternidade. Por isso é que o Senhor é paciente com os homens, e derrama sobre eles a sua misericórdia*» (Sir 18,8-11).

Deus propõe-nos ser como Ele: «*Que é o homem para Te lembrares dele?... Quase fizeste dele um ser divino...*» (Sal 8). Deus cria-nos para sermos como Ele. Foi isso que Jesus Cristo, partindo da sua humanidade, fez: viveu-a integralmente, dando tudo por tudo, por amor; e reencontrou a sua divindade.

É esta a proposta para cada novo ano, para cada mês, dia, hora, minuto, instante da nossa vida. Que história bonita, esta, de Deus com a humanidade!

Deus provê

Se bem te lembras, leitor, leitora, no último texto deixei-te em suspenso sobre o que sucederia nos claustros do convento do Carmo de Malá Strana, em Praga, a casa do Menino Jesus, o Reizinho, que de um momento para o outro se viram a abarrotar de gente. Gente que fugia do perigo. Gente que chegava quase de mãos a abanar. Gente que precisava de refúgio. E não apenas os claustros, mas também a sacristia e a Igreja de Nossa Senhora da Vitória — tudo estava cheio como um ovo. Enfim, o Carmo revelara-se um apetecido recanto de paz e um refúgio para as gentes de Praga, que pela misericórdia dos frades carmelitas, ali se recolheram, sob o manto sagrado do Menino Jesus Rei. Se a protecção, mais e mais em tempo de guerra, nunca se nega a ninguém, e menos ainda aos perseguidos, uma coisa, porém, é certa: muito em breve vai ser preciso dar-lhes de comer. E quem os ajudará, se os frades pouco têm para si?

A coisa está negra, portanto. E o pobre prior do convento, antecipando o estalar da tragédia, coçava a cabeça à procura de solução: donde há-de vir comida para tanta barriga, pensava ele? Será que a decisão de acolher tanto desgraçado pôs a Providência à prova? E será isso legítimo da minha parte? Não estarei a desafiar a Deus? Estas e outras perguntas amolavam-lhe a cabeça e não o deixavam dormir. Meu Deus, pensava o pobre prior, no que eu me fui meter a mim e a meus frades!

Antes, porém, que te diga a solução do drama, deixa que te revele que os frades carmelitas saciaram a fome e a sede a cada um dos refugiados, durante todo o tempo que foi preciso! Não uma, mas duas vezes por dia, da pequena cozinha dos irmãos carmelitas de Malá Strana, descia comida quente e água fresca para todos. Não é coisa pouca, concordarás.

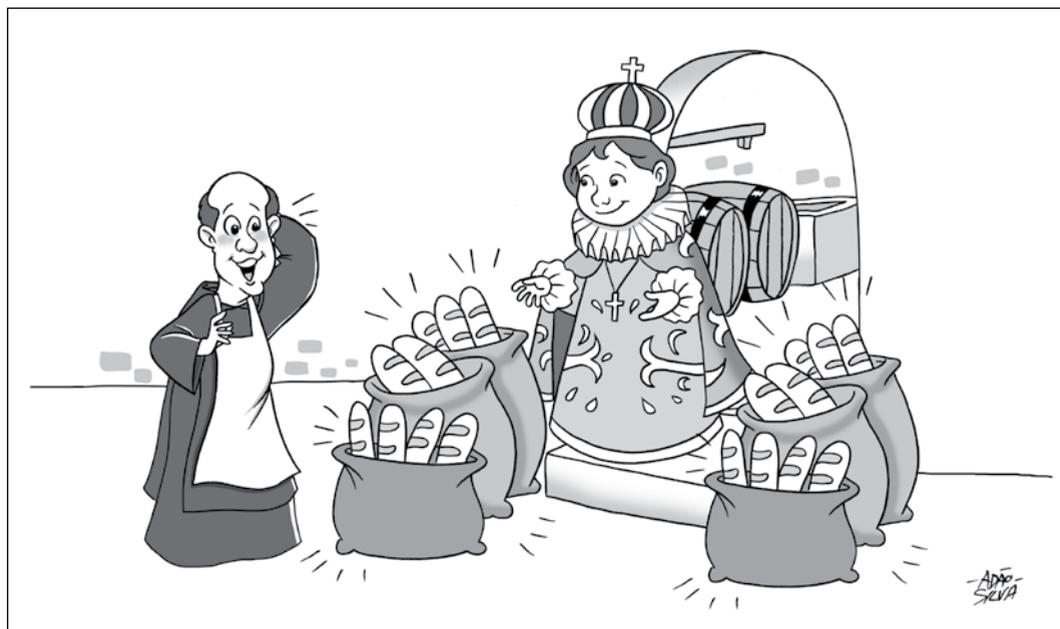
Como é que conseguiram isso, se levavam meses que quase não tinham eles que comer? Pois, não sei, nem talvez eles sabiam. Sei é o que diz o velho alfarrábio de que algumas vezes te venho falando. Leio-o e até eu me espanto; mas comunico-te, sem mais, o que leio: Conta-se ali que

depois de muito pensar e não vendo outra solução, o bom prior do Carmo mandou a seus irmãos que erguessem preces ao Divino Menino Jesus, pedindo-lhe socorro, sobretudo que afastasse as tropas inimigas que sitiavam a cidade, a fim de que ninguém percesse.

Talvez sorrias, leitor, leitora. E a verdade é que o invasor não levantou prontamente as tendas, não, nem prontamente recolheu as armas. Mas, por fim, fê-lo, embora não sem zelosa demora. E se mais demorava o exército sitiante, mais rezavam os frades carmelitas, por que uma coisa é certa: os refugiados continuavam lá, dependentes das suas migalhas!

E então sucedeu a maravilha que ninguém ainda hoje sabe bem explicar: sucedeu que durante todo aquele tempo, nunca a fogueira da cozinha dos frades se apagou, nem as panelas deixaram de ferver, e sempre ali se foi preparando o comer para tantos homens, mulheres e crianças que deles dependiam. É verdade que as reservas dos frades eram escassas, mas algum milagre ali se deu, que nunca as tulas se esvaziaram!

E não se pense que era coisa pouca,



que os sitiados demoraram em acalmar as suas bravatas e malfetorias, e a organizar a retirada. Oh, se foi verdade! Como também foi verdade, que os que se recolheram sob o manto do Menino Jesus, se não engordaram, também não emagreceram!

E a cada novo amanhecer, um dia após outro, depois de passar a noite a sonhar com horas e horas de fome, acercava-se o pobre cozinheiro ao escritório do prior, perguntando-lhe: — *Que cozinharei eu, hoje, para tanta gente, se ontem não deixei mais que um punhado de moado ou poalha, no fundo das tulhas? Que cozinharei?* E o prior que não sabia que responder, incitava-o, dizendo-lhe: — *Vá, Irmão. Vá e confie em Deus! Se Deus nos entregou aqueles pobres, que são Seus, não os ajudará Ele? Poderá Deus esquecer-se dos Seus filhos, se uma mãe jamais esquece a criatura que amamenta? Não é Deus melhor que uma mãe? Por isso, vá, Irmão, vá e confie em Deus!*

E o descrente cozinheiro saía.

E um dia após outro, correndo, regressava sobressaltado ao escritório do prior, para anunciar esbaforido: — *Acredita, Vossa Paternidade, que hoje não passaremos fome?! E continuava, solícito: — Saiba que as reservas de hoje são em igual quantidade e qualidade que as do primeiro dia, quando abrimos as portas aos necessitados, e que depois se renovaram ao segundo e ao terceiro dia, e por aí adiante, semana atrás de semana?*

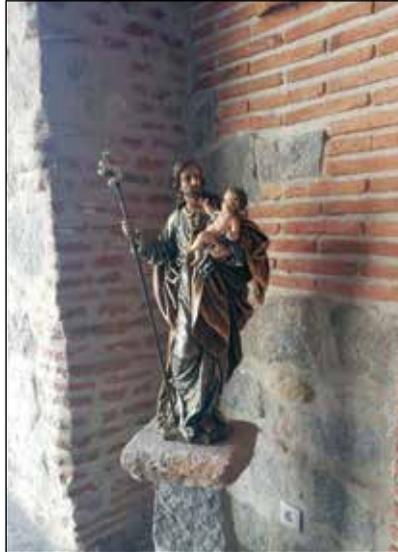
E assim sucedeu todo o tempo que o Carmo de Malá Strana acolheu os pobres da cidade de Praga!

Não sei mais que te diga; sei que quem estende a mão deve ter coração agradecido. E isso foi o que fizeram os bons frades carmelitas. Ao se aperceberem do contínuo milagre que acontecia sob o seu olhar, correram a agradecer o Divino Menino Jesus, pois essa é a verdade: como ia Ele deixar sofrer quem tão bem O venerava, demonstrando-lhe total amor e confiança?

São José, o homem dos verbos (I)

Foi enviado o Anjo Gabriel a uma virgem desposada com um homem chamado José (Lc 1:26-27). S. Lucas nesta passagem de sete palavras [em grego bíblico] (número perfeito e profético na história bíblica), atiçamos a curiosidade sobre este homem: José! É legítimo, ao lermos os textos canónicos, perguntarmos: quem era José? Eu atrevo-me a dizer que era o homem dos verbos: escutar, esperar, obedecer, aceitar, ensinar, aprender e amar. São estas acções sensitivas e activas que nos dão a chave para entrarmos na essência e no íntimo de José.

ESCUTAR. Eis o dom mais profundo e valioso do noivo de Maria. José, descendente de uma estirpe nobre: décima quarta geração da casa de David, artesão de profissão, é conhecedor e praticante da Torah, como todos os homens letrados e reconhecidos na sociedade de então. Porém, distingue-se dos demais, não pelas vivências exteriores, de exegeses superficiais e legislativas, como os fariseus e os levitas, mas pelo contrário, pela vivência interior. É no seu coração, no íntimo do silêncio, que vive e compreende as Escrituras, e delas tira o grande ensinamento transmitido por Deus ao longo do Antigo Testamento: o amor, vivido e praticado na adversidade dos acontecimentos.



José ama Maria, e pensa casar-se com ela, dentro da maior normalidade. Não imagina que esta união esponsal o fará atravessar a sua noite escura de fé. A noiva procura-o e anuncia-lhe que está grávida, contando-lhe uma verdade de difícil credibilidade. Ele sabe bem que a Deus nada é impossível, todavia ninguém se sente merecedor de tal empreitada aos olhos do Senhor, e José, na sua mais pura humildade, não é diferente. Diferente é o seu comportamento: na dúvida, medita e não julga, nem faz julgar. Retira-se e toma uma decisão prudente, abandonar Maria em segredo. Contudo, não a coloca em prática de imediato: espera, entra no seu quarto, no silêncio da noite. Não o invade a insónia da raiva e do desapontamento, que seriam normais, mas sim o sono tranquilo, onde Deus entrará para lhe descortinar toda a verdade, através do seu mensageiro. Acordado do sonho, compreende que foi escolhido por Deus, para a missão mais sagrada de toda a Escritura e do mundo: ser *pai davídico* de Deus feito homem. A tristeza deu lugar à alegria contida na aceitação, ao abraço de uma nova realidade, ao temor de um futuro desconhecido. Ele sabe que a partir daquele momento a sua vida já não lhe pertence mais. É a hora de se dar à obediência plena. E neste momento José faz o seu *Magnificat*.



Bilhetinhos a S. José (I)

Meu bom Pai S. José:

Quero deveras entender o mistério daquela noite, enquanto dormias, ao ouvir a voz do anjo no anúncio do nascimento de Jesus, por obra do Espírito Santo, no seio de Maria.

Nas noites da minha vida – acontecem, mesmo estando acordada –, nas minhas dúvidas e faltas de fé, há coisas que me parecem absurdas e não consigo sequer imaginar como podem ser realizáveis.

«*Não temas, José...*».

Tal foi a veemência destas palavras que, ao acordar, não hesitaste em confiar e obedecer aos desígnios do Senhor. E recebeste Maria e o Filho das suas entranhas.

Ensina-me a acordar da minha incredulidade e falta de confiança em Deus, e a despojar-me dos meus raciocínios e falsas certezas, para agir, sem temor, na fé e no abandono à vontade de Deus, como tu fizeste.

És homem justo e, a tua atitude de confiança, muito para além do bom senso, ensina-me a caminhar na santidade!

Conto contigo, meu bom Pai S. José!

Como levantar jovens?

Se o mote para 2023 é partir apressadamente como Maria, não pode faltar o passo prévio: *levantar-se* (Lc 1:39). Na JMJ 2016, o Papa Francisco alertava para uma paralisia que «brota quando se



confunde a felicidade com um sofá. Sim, julgar que, para ser felizes, temos necessidade de um bom sofá. Um sofá que nos ajude a estar cómodos, tranquilos, bem seguros. Um sofá – como os que existem agora, modernos, incluindo massagens para dormir – que nos garanta horas de tranquilidade para mergulharmos no mundo dos videojogos e passar horas diante do computador. Um sofá contra todo o tipo de dores e medos. Um sofá que nos faça estar fechados em casa, sem nos cansarmos nem nos preocuparmos». E acrescentava: «O tempo que hoje estamos a viver não precisa de jovens-sofá, mas de jovens com os sapatos, ainda melhor, com as sapatilhas calçadas». Mas, como se levantam jovens? Com base em duas passagens bíblicas, o Papa traçou um itinerário até 2023 que pretende proporcionar-lhes essa experiência.

Para o Dia Mundial da Juventude de 2020, Francisco propôs como tema «*Jovem, Eu te digo, levanta-te!*» (Lc 7:14). Na Exortação Cristo Vive, o Papa afirma: «*Se perdeste o vigor interior, os sonhos, o entusiasmo, a esperança e a generosidade, diante de ti está Jesus, como parou dian-*

te do filho morto da viúva, e o Senhor, com todo o seu poder de Ressuscitado, exorta-te: Jovem, Eu te ordeno: Levanta-te!» (CV 20).

Para deixar-se levantar por Jesus, é determinante que

cada jovem avalie criticamente as propostas que lhe oferece o nosso mundo e que releia também a sua história de vida. Certamente descobrirá que é possível outra vida quando nos deixamos levantar por Jesus, que Ele nos oferece um outro modo de vida e que a comunidade cristã é o habitat para vivê-lo.

São Paulo VI alertava com razão: «*O homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres*». Se um jovem vai ao encontro do outro jovem levando na boca apenas as respostas aprendidas, poderá não ser escutado. Mas se, ao conviver com outros jovens, partilhar a sua experiência de Deus, certamente despertá-los-á.

A segunda etapa do caminho tem como inspiração a palavra de Jesus a Paulo: «*Levanta-te! Eu te constituo testemunha do que viste!*» (Act 26:16). Para dizer aos outros o que experimentamos, será necessário renovar a experiência de sermos *miseri-cordiad*os por Deus e corresponder a esse amor vivendo uma vida de fé, esperança e amor. Então, o testemunho da nossa identidade será natural e credível.

Radiografia da primeira devota

Se ver uma obra de Salvador Dalí no Mensageiro poderá surpreendê-lo(a), imagine o espanto de quem escreve estas linhas quando deus por si refletir a partir da *Madonna de Port Lligat* (1950). Sei pouco de arte. Mas, esta obra inspirou-me a meditar a interioridade da Virgem Maria, que é uma outra maneira de dizer o seu coração.

Era impossível escrever sobre Maria e Jesus menino sem falar daquele coração. Lucas anota, na cena da visita dos pastores ao recém-nascido Jesus, que «*Maria conservava todas estas palavras, meditando-as no seu coração*» (Lc 2:19). Na sequência da perda e encontro de Jesus no templo, palavras idênticas: «*Sua mãe conservava todas estas palavras no seu coração*» (Lc 2:51). O que habitava a interioridade de Maria? O que deixava ela que permanecessem dentro de si? Ao que dava voltas, uma e outra vez? À luz da Palavra, a resposta é simples: Jesus, os acontecimentos da Sua vida, os efeitos do Seu Mistério. O interior de Maria era habitado por Jesus. Quando vi este quadro de Dalí e reparei que o lugar do coração da Virgem é um espaço onde está Cristo, caí na conta da densidade e profundidade das palavras de Lucas. Imaginei a pintura de Dalí como o resultado de uma



radiografia ao coração, à interioridade de Maria, àquilo que a definia, mas que era invisível ao olhar dos outros. Ali havia Cristo, ponto final. Lembrei-me, também, das palavras de Isabel da Trindade, carmelita que já trouxe à colação na última reflexão: «*A Virgem conservava todas estas coisas no seu coração: é a inteira história dela que assim se pode resumir nestas breves palavras! Foi no seu coração que ela viveu e em tal profundidade que o olhar humano não a consegue seguir*» (UR 40).

Ao pensarmos que Maria, a primeira zeladora de Jesus menino, viveu desta maneira os mistérios da vida do pequeno Rei, nós, que devotamos o nosso amor ao Infante Divino, devemos interrogar-nos: se Dalí pintasse a radiografia da nossa interioridade, o que apareceria dentro daquele quadrado? Certamente, o que andamos a pensar durante os nossos dias, aquilo a que damos voltas ao longo das nossas horas, as palavras que nos habitam. Em Maria cumpria-se a exortação da carta aos Colossenses: «*A palavra de Cristo habite em vós*» (3:16). Que a nossa interioridade seja habitada não por mágoas contra alguém, por congeminções de maldade, por futilidades do dia a dia, mas por Jesus, pela Sua vida, pela Sua Palavra, pela Sua pessoa.

Carta ao Menino Jesus

FILOMENA FALCÃO

TRACY - CALIFÓRNIA

Estimado Sr. Padre Director:

Saúdo-o em primeiro lugar, com votos de boa saúde. Quanto a mim, estou presentemente bem, graças a Deus.

Agradeço-vos por a sua simpatia de me continuar a enviar a boa revista cristã Mensageiro do Menino Jesus de Praga. A qual aprecio a sua boa leitura cristã.

Depois de a ler eu dou a outros emigrantes como eu para a lerem e todos apreciam a sua boa leitura cristã.

Eu sou um idoso inválido, solitário, vivo só, e não tenho família. Passo o meu tempo a

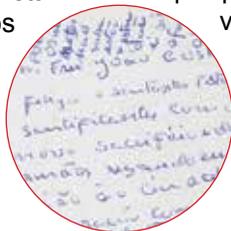
rezar e a ler a Sagrada Escritura. Rezo por si, senhor Padre, e por todos os membros da vossa comunidade e pela vossa missão.

Peço-vos desculpa, não vou poder mais dinheiro porque não tenho sou pobre. Gostaria de ter muito dinheiro para auxiliar a que precisa e as boas obras de caridade. Quando podia, auxiliei os sem abrigo, porque também o abrigo.

Com a actual situação da pandemia estou sempre no meu quarto de residência; não saí para fora dele.

Peço desculpa da minha caligrafia porque já não vejo bem. Já me falta a visão das vistas, agradeço a sua compreensão.

Termino. Fico rezando por si e por todos vós. Peço-vos as vossas orações. Obrigado por tudo. Que Deus vos pague. Até sempre. Com abraço amigo.



DELE RECEBEMOS GRAÇA SOBRE GRAÇA

Boa tarde Pe Leal, Esperemos que se encontre bem. É com muita alegria que queremos partilhar consigo a nossa felicidade maior.

Já temos nos nossos braços a nossa bebé. A nossa Benedita. Nome escolhido pelo seu significado. De bênção divina. Nascida a 27 de Novembro. Tão pequenina mas consagrada ao Menino desde o ventre materno. A quem louvamos e agradecemos toda



a proteção diária. E oferecemos a nossa filha. Mais que nossa, é de Deus. Pela sua divina vontade é que se encontra entre nós.

Votos de boa continuação, desta família: Moisés, Graça e Benedita do Menino

Jesus de Praga.

Senhor Padre, aqui vai uma pequenina recordação do amor maior das nossas vidas. Da nossa Benedita do Menino Jesus. A Ele damos graças por tudo o que nos dá e não merecemos e, que a proteja com o seu divino manto. Quentinho e sagrado, que a cubra cheia de amor e ternura para que seja sua seguidora na fé. Haverá graça maior do que esta?!

GRAÇA SOUSA

Oração com São José

(JUNTO DA SUA IMAGEM)

Todos: Em nome do Pai...

Mãe ou Pai: O Papa Francisco sugeriu-nos que durante este contemplássemos São José, pai do menino Jesus, nosso Senhor. Por isso, acendemos esta vela para que ela nos ajude a rezar com São José.



I. REZEMOS O SALMO 88

Todos: A sua descendência Será eterna.

Mãe: Cantarei as misericórdias do Senhor, para sempre a sua fidelidade. Vós dissestes: «A bondade está estabelecida para sempre», nocéu permanece firme a vossa fidelidade.

Todos: A sua descendência...

Pai: Concluí uma aliança com o meu eleito, fiz um juramento a David meu servo: Guardarei tua descendência para sempre, fixarei o teu trono por todas as gerações.

Todos: A sua descendência...

Mãe: Ele Me invocará: «Vós sois meu Pai, meu Deus, meu Salvador». Assegurar-lhe-ei para sempre o meu favor, a minha aliança com ele será irrevogável.

Todos: A sua descendência...

II. OREMOS AO MENINO JESUS

Resposta: Por São José, ouvi-nos, Senhor

1. Para papás e mamãs: Saibam abençoar as suas famílias.
2. Pelos papás e mamãs: para que rezem em família.
3. Para que papás e mamãs tenham trabalho justo.
4. Para que os filhos sejam bons como Jesus.
5. Para que as crianças cresçam alegres e livres de perigos.

III. PAI NOSSO

IV. ORAÇÃO DO PAPA A S. JOSÉ

Glorioso Patriarca São José, cujo poder consegue tornar possíveis as coisas impossíveis; vinde em minha ajuda na angústia e dificuldade.

Tomai sob a vossa proteção as situações graves e difíceis

que Vos confio, para que obtenham a solução feliz. Meu amado Pai, toda a minha confiança está colocada em Vós. Que não se diga que eu Vos invoquei em vão; e dado que tudo podeis junto de Jesus e Maria, mostrai-me que a vossa bondade é tão grande como o vosso poder. Ámen.

IV. CÂNTICO

REFRÃO:

**Obrigado, ó Jesus,
Obrigado, meu Senhor.
Por aquilo que me deste;
sobretudo, o meu amor.**

1. Oh, quanta paz me dás, Senhor, Em todas as horas do meu viver. Esse teu infinito amor É a alegria do meu ser.
2. As coisas que me dás, nunca saberei agradecer. Perdoa este amor fugaz e ensina-me a crescer.

TODOS: Em nome do Pai...

Coloca na grelha as palavras em **MAIÚSCULAS** e dá Vivas a São José!

Tinha ele assim pensado,
 quando lhe **APARECEU** num sonho o Anjo do **SENHOR**,
 que lhe disse:
 «José, filho de **DAVID**,
 não temas receber **MARIA**, tua **ESPOSA**,
 pois o que nela se gerou é fruto do Espírito **SANTO**.
 Ela dará à luz um filho
 e tu pôr-Lhe-ás o nome de Jesus,
 porque Ele **SALVARÁ** o povo dos seus **PECADOS**».
 Quando despertou do **SONO**,
JOSÉ fez como lhe ordenara o **ANJO** do Senhor
 e recebeu a sua esposa.

(MATEUS 1:20-24)



D _ V _ _ _
 _ A _ I _
 _ _ _ V _ _ _ Á
 _ _ _ A R _ _ _ _ _
 _ _ _ O S _
 _ _ _ A _ _ _ S
 S O _ _ _
 _ _ _ J _ _
 _ _ N _ O _ _ _
 S _ _ _ H _ _ _
 _ _ _ S É

O Papa convoca o ano de S. JOSÉ

O papa Francisco descreve S. José com estas palavras:

“ Pai amado, pai na ternura, na obediência e no acolhimento; pai com coragem criativa, trabalhador, sempre na sombra. ”

Pouco sabemos da vida de José como pai de Jesus.

Mas do que os evangelhos nos dizem, podemos perceber o amor e compreensão de José para com Maria e os cuidados e carinho para com Jesus na sua infância.



José trabalhador e dedicado.
José era carpinteiro e estava noivo de Maria.



José ama e respeita Maria,
mas ao saber que está grávida, afasta-se sem entender, para não a caluniar.



José confia e acolhe Maria.
Um anjo apareceu-lhe em sonhos e diz-lhe que o filho de Maria é filho de Deus.



José prepara-se com amor e coragem para ser pai.



Quando Jesus, com 12 anos, ficou no templo com os Doutores,
José procurou-o com preocupação.
E compreendeu Jesus, que começava já a manifestar-se como filho de Deus.



Jesus crescia em sabedoria, em idade e em Graça.
José foi pai, foi mestre, ensinou tudo o que sabia ao filho.
José é amado como pai e seu filho Jesus respeita-o e é-lhe submisso.

Vamos ser bons filhos como Jesus foi para seu pai José, obedecendo, respeitando e sendo carinhosos.

Duas imagens muito bonitas e muito fora do vulgar:



S. José embala o Menino enquanto Maria descansa!



Maria olha com ternura e amor para Jesus que dorme nos braços de José!

No abraço do Menino Jesus



ANTÓNIO MIRANDA

No dia 10 de Outubro de 2020 faleceu em Portalegre este grande devoto do Menino Jesus de Praga, com 83 anos de idade. Nunca faltava a uma peregrinação dos portalegrenses ao santuário do Reizinho.



EMÍLIA DO ESPÍRITO SANTO NETO

No primeiro dia do ano de 2021 faleceu em Leiria esta grande devota do Menino Jesus. Tinha 92 abençoados anos. Era assinante fiel e leal; recebia com muito gosto o Mensageiro em casa, que lia de fio a pavio, com grande entusiasmo. A filha Edite substituiu a mãe como assinante. Muito obrigado.



MARIA DO ROSÁRIO

Faleceu em Portalegre no último dia do mês de outubro de 2020, com 91 anos de idade. Era grande devota do Menino Jesus e das primeiras a inscrever-se para a peregrinação que o grupo fazia ao Santuário. Nunca idade a impediu de peregrinar, embora, pelo avançar da idade, sempre julgasse, que a seguinte a não poderia realizar. Perdemo-la, amiga, na terra, ganhámo-la para sempre no céu.



Aos nossos irmãos, amigos e benfeitores defuntos, dai-lhes, Senhor, o descanso eterno. Ámen.

NOVOS ASSINANTES

BRAGA: Emanuela Maria dos Santos Marques. **FARO:** Isilda Brazão. **FÁTIMA:** Joana Ferreira. **LISBOA:** Fernando Eduardo Matos. **PINHEL:** Maria Eugénia Fonseca de Sousa. **SÃO PAIO DE MERELIM:** Maria do Carmo Alves Gomes. **VÁRZEA DE OVELHA E ALIVIADA:** António Azevedo Monteiro. **VILA BOA DE QUIRES:** Cândida Alexandrina Sousa. **VILA NOVA DE GAIA:** José Maria Sousa da Fonseca. **VILA REAL:** Guilherme Silva Fernandes.

**OVELHA
NEGRA**



3/2020



Devoção interior e exterior

Bom dia, Maria Adelina.

Bom dia, Frei João!
Que booom!...

Posso entrevistá-la?

Eu não sei se sei, mas se não souber o meu homem ajuda.

Há quanto tempo é zeladora do Menino Jesus?

Talvez há 15 anos...

Mas espere, que vou perguntar-lhe...

Ok. Sim, António?...

Não! Nada disso! Foi há mais tempo, foi lá para o dobro. Isso começou com o meu irmão, o Pe Carneiro! Nós vamos lá quase desde o início das peregrinações!

Como assim?

O meu irmão depois de ordenado chegou à freguesia e começou a anunciar o Menino Jesus. As pessoas gostaram e aderiram. Fizemos coisas lindas, era uma grande romaria que se fazia ao Santuário, com grande amizade e devoção. Agora é pena estas coisas...

Estas coisas, quais coisas?!

Esta pandemia, este bicho que mina a confiança das pessoas umas nas outras.

Então o apóstolo foi o Pe. Carneiro!

Foi, claro que foi. O Vítor também. Mas o primeiro e o maior foi o Pe. Carneiro.

Olhe, quem é o mais devoto: Você ou a sua mulher?

Isso não se pergunta!

Mas eu pergunto.



MARIA ADELINA E ANTÓNIO ARAÚJO
(Zeladores de Delães e Riba de Ave)

Somos os dois iguais, com uma diferença. Ela no exterior, eu no interior.

Como é isso, explique-me?

Estas coisas não se explicam, carambas! A minha mulher exterioriza mais a devoção, sabe? E eu falo-lhe mais no interior.

Nisso sou mais Carmelita, não acha?

Acho! E que lhe diz?

Ora que lhe digo?! Se é interior, é para ficar no interior! É cá comigo e com Ele! São coisas secretas entre dois amigos. E é assim que ficam bem!

Então respeite-se, carambas!

Pois é. Sabe o que faz falta? Tempo quente e mais confiança para podermos lá voltar, que esta peste estragou tudo! Eu até nem sei como é que aguentamos tanto tempo sem lá ir, mas sabe como é: vão lá os novos, e nós encomendamo-nos a eles que nos lembrem ao Menino Jesus no seu Santuário! É o que pode ser!...

Os novos são o futuro.

Eles são um futuro diferente de nós. Não vão fazer do mesmo modo que nós, mas o amor há-de ser o mesmo. Precisam é de apóstolos, sabe?

Claro.

Então, cuide disso, tá bem? Mande-me, por favor, uns calendários para o pessoal de Delães e Riba de Ave. E os meus cumprimentos a todos os Carmelitas!



Oração

CONSAGRAÇÃO DA FAMÍLIA

**Divino Menino Jesus,
nosso Rei e Senhor,
prostrados a vossos pés,
nós Vos consagramos a nossa família.**

**Concedei-nos a harmonia da Sagrada Família,
para Vos honrarmos com uma vida santa.**

**Fazei das nossas famílias
modelos de vida cristã e familiar,
constructores duma sociedade nova
e duma Igreja renovadora.**

**Uni os corações divididos,
sede o amor dos esposos,
a ternura das mães
e a dedicação dos pais.**

**Consolidai as famílias unidas
e abençoai os seus membros
na paz e no amor.**

Ámen